

As gestantes ganharam  
novo tratamento  
para hipertensão



O diagnóstico precoce  
do câncer de mama  
reduz em 40% as mortes.

# Aspirina baixa pressão de grávida

Estudo mostra que  
remédio reduziu  
número de casos

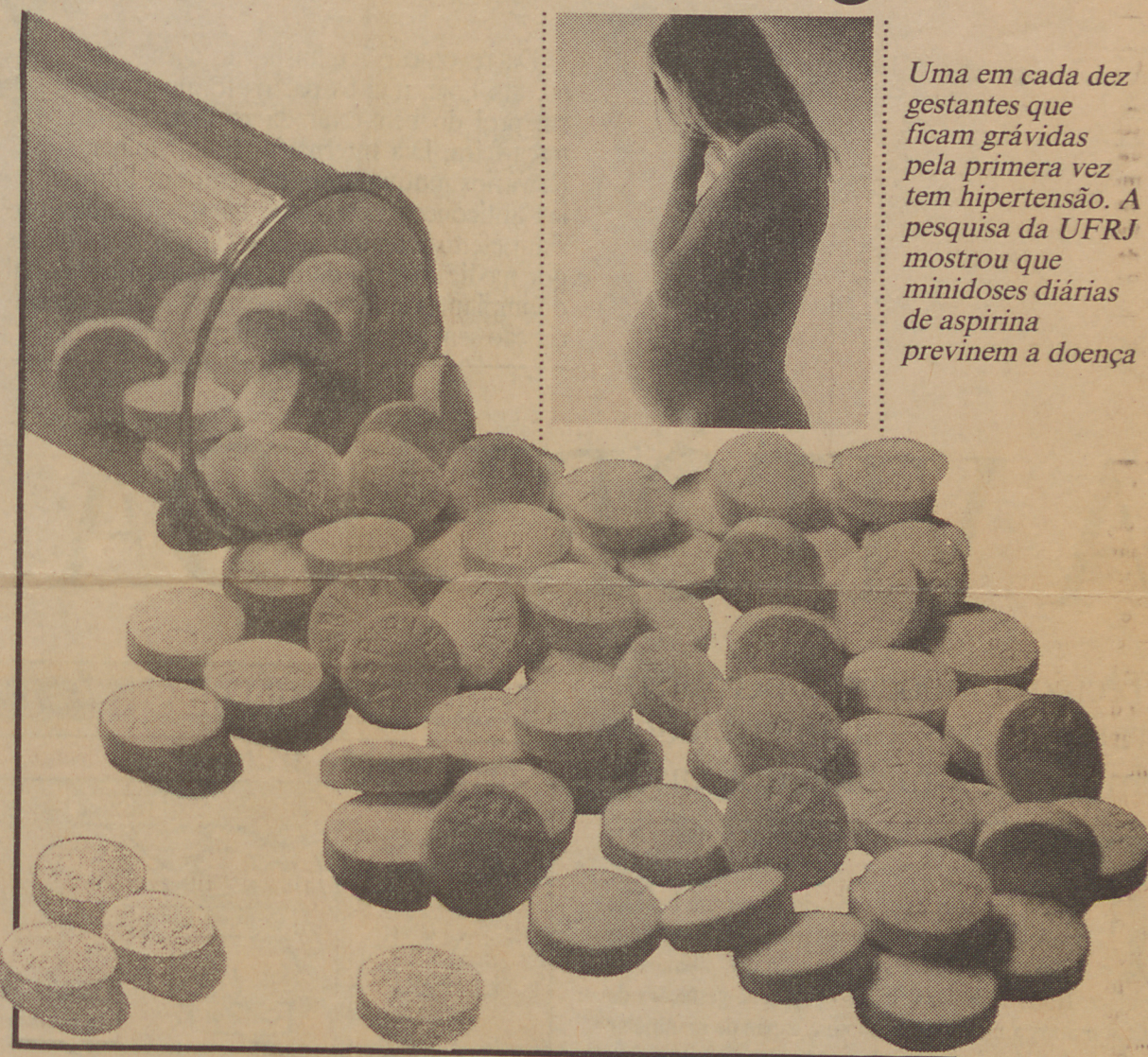
ALICIA IVANISSEVICH

**A** hipertensão durante a gestação — doença que mais mata a mulher grávida e que acomete 10% das gestantes de primeira viagem — já conta com um novo tratamento, que vem sendo aplicado com sucesso na Maternidade-Escola, da UFRJ. Usando minidoses diárias de ácido acetilsalicílico (aspirina) a partir da 26ª semana de gestação até o parto, a incidência do problema baixou em até três vezes.

O projeto AAS — nome com que foi implantado o programa que aplica doses de 60 miligramas de AAS (meio AAS infantil) nas gestantes de risco — começou a funcionar na Maternidade-Escola em 1991, a partir dos bons resultados obtidos por Suzana Maria Perim, em sua tese de doutorado.

No trabalho de Suzana, foram estudadas 104 gestantes do ambulatório pré-natal que apresentavam grande risco para desenvolver toxemia gravídica (hipertensão na gravidez). Todas elas foram submetidas a um *doppler*, exame que permite visualizar o comportamento das artérias uterinas, para discriminar quais as pacientes que apresentam risco de desenvolver a doença e que devem se submeter ao tratamento.

As pacientes de risco selecionadas foram divididas em dois grupos: um que tomou placebo (comprimido sem eficácia) e outro que tomou minidoses de AAS (60 miligramas diárias) a partir da 26ª



Uma em cada dez gestantes que ficam grávidas pela primeira vez tem hipertensão. A pesquisa da UFRJ mostrou que minidoses diárias de aspirina previnem a doença

semana. Nas mulheres tratadas com AAS, o remédio foi capaz de reduzir em até oito vezes a incidência de toxemia gravídica.

“Como a população da Maternidade-Escola é de alto risco — 25% a 30% das gestantes têm toxemia —, resolvemos usar o medicamento em todas as pacientes que apresentam tendência para o problema”, explica o obstetra Carlos Antonio Montenegro, ex-diretor da Maternidade. Segundo

ele, todas as grávidas do ambulatório são submetidas a três ultrasonografias e a um *doppler* de rotina para acompanhamento da gestação e seleção daquelas que devem tomar o AAS.

Numa amostragem maior — quando aplicado a todas as gestantes de risco do ambulatório —, o AAS foi capaz de reduzir a incidência da toxemia em até três vezes. “Embora seja menor do que no grupo estudado por Suzana,

essa redução ainda é considerada de grande importância para controlar a toxemia na gravidez”, pondera Montenegro.

O médico alerta, entretanto, para o uso indiscriminado do AAS em gestantes que não apresentam hipertensão. “Em pessoas normais, o medicamento pode aumentar um tipo de prostaglandinas, substâncias que são nocivas para o organismo da gestante”, adverte.